

**A generalização dos resultados da pesquisa qualitativa no campo da Administração: reflexão sobre seus limites e possibilidades****The generalization of the results of qualitative research in the field of Administration: reflection on its limits and possibilities**

Recebimento dos originais: 19/05/2017

Aceitação para publicação: 02/08/2017

**Adail José Sousa**

Docente da Universidade Federal de Mato Grosso

Doutorando em Administração

Instituição: Universidade Metodista de Piracicaba

Endereço: Rod. do Açúcar, Km 156 - Piracicaba - SP, Brasil

E-mail: ajsousabr@uol.com.br

**Dalila Alves Corrêa**

Doutora em Administração

Docente e pesquisadora da Universidade Metodista de Piracicaba

Endereço: Rod. do Açúcar, Km 156 - Piracicaba - SP, Brasil

E-mail: dacorrea@unimep.br

**Fábio Chaves Nobre**

Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Doutorando em Administração

Instituição: Universidade Metodista de Piracicaba

Endereço: Rod. do Açúcar, Km 156 - Piracicaba - SP, Brasil

E-mail: fcnobre@gmail.com

**Clóvis Luís Padoveze**

Doutor em Controladoria e Contabilidade

Docente e pesquisador da Universidade Metodista de Piracicaba

Endereço: Rod. do Açúcar, Km 156 - Piracicaba - SP, Brasil

E-mail: cpadoveze@yahoo.com.br

**José Francisco Calil**

Doutor em Administração

Docente e pesquisador da Universidade Metodista de Piracicaba

Endereço: Rod. do Açúcar, Km 156 - Piracicaba - SP, Brasil

E-mail: jfcalil@unimep.br

**RESUMO**

Dentre as questões que suscitam debates no campo da pesquisa qualitativa está a generalização de seus resultados. No centro desse debate está o entendimento que cada pesquisa é única como também o são seus resultados, o que limitaria a sua generalização. Independentemente das técnicas que se podem utilizar na pesquisa qualitativa prevalece à noção sobre a não existência da transferência de seus resultados ou réplica para outros contextos e circunstâncias, mesmo que

semelhantes. Esta realidade identifica um aspecto pouco debatido, mas de relevante importância para os pesquisadores. Tal interesse redundando em considerações que colocam em cheque a própria validade da pesquisa qualitativa, pois se os resultados não conferem réplicas serviriam a que? Esse tem sido o questionamento de pesquisadores positivistas que não atribuem valor para pesquisas cujos resultados não se aplicam a generalizações. O presente artigo, desenvolvido na forma de ensaio teórico, tem como objetivo discutir a questão da generalização na pesquisa qualitativa, sem, contudo, pretender o seu esgotamento. Dado o valor que este tipo de pesquisa tem para o campo da Administração, com suas nuances sociais, o artigo direciona a análise para este tema. Sua finalidade é destacar que a generalização de resultados não pode ser tomada como o parâmetro de maior relevância para a pesquisa em Administração, pois, estaria-se, assim valorizando apenas pesquisas de cunho positivista, bem como ignorando a natureza multicultural e multisocial dos fenômenos e objetos de pesquisa deste campo.

**Palavras-chave:** Pesquisa qualitativa, Generalização, Resultados, Administração.

## **ABSTRACT**

Among the issues of discussions in the qualitative research field is the generalization of the results. In the center of this debate is the understanding that each search is unique as are its results, which would limit its generalization. Regardless of the techniques that can be used in qualitative research prevails the concept on non-existence of transfer results replica or to other contexts and circumstances, even if similar. This reality identifies an aspect rarely discussed, but of great importance to researchers. This interest results in considerations that calls into question the very validity of qualitative research because the results do not provide replicas that serve? This has been the questioning of positivistic researchers who do not attach value to research whose results do not apply to generalizations. This article was developed in the form of theoretical essay aims to discuss the issue of generalization in qualitative research, without, however, want their exhaustion. Given the value that this type of research has to the Management field, with its social nuances, the article directs the analysis of this topic. Its purpose is to highlight that the generalization of results can not be taken as the most relevant parameter for research in management, therefore, it would be, thus valuing only positivistic nature of research, as well as ignoring the multicultural nature and multisocial of phenomena and research objects of this field.

**Keywords:** Qualitative research, Generalization, Results, Management.

## **1 INTRODUÇÃO**

No campo da Administração o pensamento positivista e seus métodos de pesquisa tem se perpetuado de forma hegemônica demonstrando de modo preciso e lógico soluções para diversas problemáticas do mundo organizacional, sempre mensurando de forma métrica/estatística os resultados obtidos da análise de tais problemáticas. Entretanto, tais métodos nem sempre são os mais adequados para dar resposta às determinadas problemáticas da Administração, tendo em vista não conseguir contemplar toda a complexidade inerente ao mundo social das organizações. Nesse sentido o pesquisador ao empregar somente a perspectiva quantitativa, embasada num radicalismo positivista não atende as importantes questões que envolvem o campo da pesquisa em Administração (GOMES e ARAUJO, 2005).

O presente artigo discute a questão da generalização na pesquisa qualitativa, utilizando-se de um ensaio teórico. Seu objetivo é elucidar parte dessa questão pela compreensão de como os resultados de uma pesquisa qualitativa pode dar contribuições epistemológicas, principalmente, para o campo da Administração, onde tradicionalmente se desenvolve as pesquisas de natureza positivista e ajustáveis à racionalidade instrumental.

O artigo está estruturado nas seguintes seções: essa introdução; uma explanação sobre o paradigma qualitativo; a pesquisa qualitativa aplicada no campo da Administração, as considerações sobre a generalização no paradigma qualitativo e os apontamentos finais.

## 2 O PARADIGMA QUALITATIVO

Conforme Corrêa e Leme (2007) a pesquisa qualitativa no que tange a visão da Administração e por sucessão do reconhecimento do aprendizado organizacional, como fato humano, social e histórico é passível às interferências ideológicas, tendo em vista que a formulação do problema e as formas de procedimento a serem adotadas no processo de coleta de dados dependem da visão do investigador.

Segundo Rodrigues Filho (2004) a lógica interpretativista inerente à pesquisa qualitativa utiliza de diversos métodos de pesquisa, entre elas análise de conteúdo, *grounded theory*, pesquisação, etnografia e observação participante, os quais integram, já há um bom tempo, pesquisas nas áreas do conhecimento como a Sociologia e a Antropologia, sempre enfatizando a não generalização dos resultados obtidos.

Segundo Denzin e Lincoln (1994) os paradigmas positivistas e pós-positivistas atuam no centro de antologias realistas ou crítico-realistas, de epistemologias e metodologias experimentais e quase-experimentais. Aires (2011) reconhece que o paradigma construtivista, por sua vez, assume uma ontologia relativista, pelo reconhecimento de múltiplas realidades; uma epistemologia subjetiva, ou seja, o investigador e o sujeito criam compreensões e conhecimentos; e um conjunto naturalista de procedimentos metodológicos, no mundo natural.

Os fundamentos de credibilidade, transferibilidade, dependência e confirmabilidade do método qualitativo são substituídos por critérios positivistas de validade interna e externa, fiabilidade (precisão do método de mensuração) e objetividade. Quanto aos modelos de investigação de natureza feministas, marxistas, culturais e étnicos privilegiam uma ontologia materialista-realista, entendido como uma realidade que se diferencia em termos de raça, classe e gênero e buscam nas epistemologias subjetivas e naturalistas, frequentemente etnográficas (AIRES, 2011).

O quadro 1 demonstra os referidos paradigmas, seus critérios de avaliação da pesquisa e as perspectivas teóricas e tipos de narrativas defendidos por cada um deles.

**Quadro 1:** Paradigmas Interpretativos de pesquisa.

Paradigma / Teoria	Critério	Forma de Teoria	Tipo de Narração
Positivista / Pós-positivista	Validade interna e externa	Lógico-dedutiva, científica-fundamentada	Relatório científico
Construtivista	Fidelidade, credibilidade, transferibilidade.	Substantiva- formal.	Estudos de caso interpretativos.
Feminista	Afrocêntrica, experiência vivida, diálogo, raça, classe, gênero, flexibilidade, praxis, emoção, fundamentação afrocêntrica, experiência concreta.	Crítica, opinião.	Ensaio, história escrita experimental.
Étnica	Afrocêntrica, experiência vivida, diálogo, responsabilidade histórica, raça, classe, gênero.	Opinião, crítica, Dramas.	Ensaio, fábulas.
Marxista	Teoria emancipatória dialógica, raça, classe, gênero.	Crítica, histórica, Económica.	Histórica, económica, análise sociocultural.
Estudos Culturais	Práticas culturais, praxis, textos sociais, subjetividades.	Crítica cultural	Teoria cultural como crítica.

Fonte: Denzin e Lincoln, 1994.

Na visão de Aires (2011) existe uma tensão entre os estudos culturais humanistas que tendem acentuar as experiências vividas e os projetos de estudos culturais devidamente centrados nas estruturas materiais e estruturais (raça, classe e gênero a experiência vivenciadas), sendo que os estudos culturais usam os métodos de forma estratégica, ou seja, como recursos que possibilitam compreender e produzir resistências às estruturas locais de dominação.

De certa forma, diversos acadêmicos estão ligados a estes estudos e, tem buscado realizar leituras textuais fechadas e análises de discurso dos textos culturais (DENZIN E LINCOLN, 1994), como etnografias locais, entrevistas abertas e, também, observação participante. As investigações que se inserem neste paradigma estão centradas nos processos de produção de classe, raça e gênero, em ocasiões históricas e específicas.

Segundo Aires (2011) no que tange o paradigma qualitativo, não é incomum que ele seja explorado de forma negativa pelos que os criticam sob o argumento de falta de coerência teórica. Dessa forma, trata-se tão somente de um dos reflexos da vasta produção do conhecimento que tem sido produzido ao longo deste século, e representa um desafio ao pesquisador qualitativo no campo

da Administração na medida em que, face a heterogeneidade de concepções, tem a possibilidade de fazer suas opções, também, a este nível qualitativo de pesquisa (AIRES, 2011).

Segundo Godoy (1995a) no campo da Administração o interesse pela abordagem qualitativa se manifestou a partir dos anos 70 e, desde então tem sido expressivo e vem demandando compreensões mais ampliadas e aprofundadas sobre as grandes transformações que tem recaído sobre as organizações. Esse crescimento demonstra sua importância, inclusive, para o campo de pesquisa da Administração, conforme se pode observar em Glaser e Strauss (1967), Denzin e Lincoln (1994), Guba e Lincoln (1994), Miles e Huberman (1994), Colás (1998), Oliveira (2003), Flick (2004) e Alasuutari (2005). Ainda segundo Gomes e Araújo (2005) no campo da Administração observa-se um crescente número de trabalhos científicos utilizando da metodologia qualitativa, pois a mesma tem evidenciado resultados mais fidedignos, tendo em vista que a pesquisa qualitativa prioriza análises mais acuradas dos fenômenos.

Segundo Chizzotti (2003) e Poupart (2008) a história da pesquisa qualitativa por muito tempo foi marcada por rupturas, tensões e conflitos ao invés de progressivas acumulações que caracterizassem seu desenvolvimento. Diferentes autores, dentre eles, Glaser e Strauss (1967), Erikson (1986), Denzin e Lincoln (1994), Guba e Lincoln (1994), Miles e Huberman (1994), Colás (1998), Oliveira (2003), Flick (2004, 2009), Alasuutari (2005), Gomes e Araújo (2005) e mais recentemente Carvalho e Aquino (2012), tem se interessado pela discussão da pesquisa qualitativa onde observaram significativas lacunas.

Denzin e Lincoln (2006) apresentaram uma proposta de periodização da evolução da pesquisa qualitativa que se apresenta sobre momentos não estanques, mas que nos dias atuais se entrecruzam nas práticas investigativas da pesquisa qualitativa nos Estados Unidos. Segundo Carvalho e Aquino (2012) o conceito de periodização erroneamente vem sendo utilizada por pesquisadores brasileiros para demonstrar o desenvolvimento da pesquisa qualitativa em geral, quando na verdade a análise é feita de forma circunscrita ao espaço/tempo da realidade norte americana estadunidense.

Dos estudos de periodização histórica realizados por Denzin e Lincoln (2006) resultaram quatro considerações a respeito do momento da pesquisa qualitativa contemporânea: i) manifestação de momentos históricos anteriores que ainda estão presentes nas pesquisas contemporâneas, como um legado ou conjunto de práticas; ii) realidade do campo de atuação da pesquisa qualitativa que vive um momento de caracterização por uma multiplicidade de opções, teorias, técnicas e instrumentos; iii) a pesquisa qualitativa passa por um período de novas vivências, uma vez que existe um constante debate sobre as formas de observar, compreender, interpretar, argumentar e escrever; iv) a pesquisa qualitativa passa por um momento de reconhecimento que não

se limita a questões meramente relacionadas a neutralidade mas, ao entendimento de que questões sobre a classe, a raça, o gênero, a etnia podem condicionar todo o processo de investigação, proporcionando a transformação da pesquisa num processo multicultural (DENZIN e LINCOLN, 2006).

### **3 A PESQUISA QUALITATIVA NO CAMPO DA ADMINISTRAÇÃO**

Pesquisas no campo da Administração, de forma geral, tem sido desenvolvida através de métodos positivistas, talvez, por falta de opção metodológica ou pela própria racionalidade imputada a este campo. Por décadas os pesquisadores dispunham somente dos métodos quantitativos como única alternativa de investigação. A Administração por não possuir ferramental próprio para suas pesquisas acaba por tomá-lo de outras áreas do conhecimento, exigindo adaptações e adequações (MEDEIROS, 2012).

De acordo com Rodrigues Filho (2004) a ontologia da pesquisa qualitativa deve ser entendida em cinco momentos históricos, **i)** momento de 1990 a 1940, uma tentativa inicial por parte dos antropólogos, buscando quebrar a influência positivista, mas pouco se avançou. **ii)** momento de 1940 a 1970, observa-se um avanço com o aparecimento de duas novas, principais, abordagens, a etnometodologia e a fenomenologia, como também a *groundedtheory*. Nesse período de forma concreta se formalizou os métodos qualitativos. **iii)** já o terceiro e quarto momentos se deram entre 1970 a 1980, foi um período de conflitos e crise de representação. **iv)** o quinto momento, que pode-se chamar de contemporâneo, inicia em 1990 e perdura até os dias atuais e, enfoca os acontecimentos reais do cotidiano.

No que tange os métodos de pesquisa, segundo Rodrigues Filho (2004) verifica-se crescente interesse por um modo multiparadigmático de flexibilidade, o que pode estar indicando a necessidade de uma teoria do conhecimento no campo da administração.

A pesquisa qualitativa enquanto metodologia, de forma contrária ao pensamento positivista, entende que a mesma tem importantes contribuições para com os pesquisadores, pois busca de forma “humanizada” entender os fenômenos sociais e organizacionais que se apresentam de forma única enquanto questão ou problema de pesquisa.

Segundo Demo (1989) é necessário esclarecer que metodologia é entendida como o conhecimento crítico dos caminhos do processocientífico, indagando e questionando sobre seus limites e possibilidades, tendo em vista que a pesquisa qualitativa pode encontrar restrições à sua aplicabilidade, dependendo do problema a ser pesquisado, como também do cenário social que o pesquisador esteja inserido.

O meio social, político e econômico é o cerne dos acontecimentos dos jogos de poder que envolve diretamente o campo da Administração, sendo neste sentido uma área de interesse do pesquisador qualitativo, visando alcançar dar respostas, que somente serão encontradas através da pesquisa qualitativa, a problemática das organizações através de alguns atributos da pesquisa qualitativa, quais sejam, características gerais, coleta de dados, objeto de estudos, interpretação dos resultados e generalização

Martins (2004) entende que definir um método essencialmente qualitativo que possa contribuir com a Administração é de extrema importância, pois pode auxiliar a expandir as pesquisas complexas do mundo das organizações, tendo em vista que essa complexidade se dá pelo fato de a Administração estar diretamente ligada ao meio social, meio este extremamente complexo, imprevisível e mutável. No que tange a pesquisa qualitativa a Administração sempre apresentou uma base científica questionável e frágil em virtude da dificuldade em se tratar de um objeto como o meio social, o ser humano, constantemente sujeitos a transformações, e que, em sua essência, sua natureza, busca reagir a toda personificação e previsão. Enfatizando que à análise do comportamento humano ou dos fenômenos sociais é feita por um pesquisador humano, falível e pode tender a distorcer os fatos.

#### **4 A GENERALIZAÇÃO NO PARADIGMA QUALITATIVO**

Segundo Santos (1987) a arquitetura do paradigma qualitativo, se revela uma alternativa como resposta às limitações do paradigma positivista, porém cabe questionar até quanto além às pesquisas qualitativas estabelecem como objetivo último à formulação de conclusões enviesadas passíveis de generalização (SOUZA e LIMA, 2011).

Importante, se faz observar e entender até quando é possível generalizar os resultados obtidos em uma pesquisa que utilizou do método qualitativo, para isso é necessário entender os aspectos relativos a pesquisa qualitativa quando a mesma se coloca como uma alternativa ao paradigma positivista sem desconsiderar a força paradigmática da generalização.

Conforme Zanten (2004) no que tange a generalização, observa-se a existência de algumas tentações nas pesquisas qualitativas. Uma delas é a de não generalizar, pois cada caso é único, e, a produção científica que se utiliza dos métodos qualitativos tem seguido por essa realidade, pois cada pesquisa é capaz de construir ou produzir uma teoria local, sendo assim, fica evidente a inexistência da generalização. Ainda segundo o entendimento da autora seria demasiadamente vicioso, nos dias atuais, pensar em desenvolver uma teoria global dentro da pesquisa qualitativa.

Porém, se existe uma realidade local e outras realidades locais que já foram estudadas dentro do mesmo prisma, pode-se recorrer à comparações para evidenciar que existe um processo onde pode ser possível ou não generalizar, como também delimitar os limites da generalização.

Uma dimensão da generalização segundo Zanten (2004) é o trabalho de transição permanente entre o que é demonstrado de propriedades relacionais, conceituais e de propriedades estruturais e, isto relaciona-se diretamente com a forma de trabalhar a pesquisa. A autora afirma ainda não ser pertinente opor a pesquisa macrossociológica à microssociológica, o que de fato parece importante é o status que é dado ao estudo microssociológico e o modo que se trabalha com o material microssociológico.

A pesquisa macrossociológica visa estudos que abrangem as coletividades, as classes, os grupos, a sociedade e as relações interpessoais. Os estudos microssociológicos buscam estudar e compreender as relações entre os atores sociais quer sejam entre indivíduos, que sejam entre grupos, e suas posições e papéis sócias que estes mesmos atores ocupam e desempenham em seus meios sociais onde estão inseridos.

A generalização na pesquisa qualitativa merece muita atenção por parte do pesquisador, pois ela é o reflexo da tensão entre os fenômenos estruturais e os fenômenos locais e a constante idas e vindas entre os dois fenômenos e a forma de sua interpretação. Um trabalho desenvolvido no método qualitativo requer do pesquisador competências para movimentar-se entre esses dois fenômenos e demonstrar que existe uma margem de ação entre os atores, mas ao mesmo tempo, que o comportamento dos atores reflete mecanismos, processos estruturais nos quais, portanto, são suscetíveis de generalização (ZANTEN 2004).

A generalização é na verdade à inferência de qualidade de casos singulares ou de unidades de análise circunscrita para outros casos, unidades ou conjunto deles, sendo que os mesmos não foram objetos de observação e análise (SOUZA e LIMA, 2011).

A generalização se traduz em uma forma que evolui do singular para o geral e segundo Souza e Lima (2011) necessita de algum paralelo com as ciências naturais, requer efetiva interação preditiva e probabilística e por fim, objetivos extremamente práticos ou técnicos. Os autores apontam indagações importantes neste contexto, tais como: **i)** Os elementos mencionados não são contraditórios aos princípios da pesquisa qualitativa? **ii)** Dentro dos princípios que regem a pesquisa qualitativa em que nível os conceitos, postulados gerados, aperfeiçoados ou comprovados são aplicáveis a mais de um grupo? Essas questões têm suscitado discussões pontuais, e também a necessidade de os pesquisadores obterem melhor compreensão sobre a generalização fora dos parâmetros do paradigma qualitativo.



Conforme Alves-Mazzotti (2006) existe a possibilidade de se transferir os resultados que se deslocam dos pesquisadores originais que desenvolveram as pesquisas para outros que procuram aplicar ou transferir as evidências para outros contextos. No caso exposto a possibilidade de generalização não pode ser visualizada nos termos convencionais, tal como na abordagem positivista. Nesses casos, de forma coerente, pode-se alcançar alguns tipos de generalizações muito peculiares, ou seja, a analítica e a naturalística. Na generalização analítica a teoria previamente desenvolvida é usada como um padrão, com o qual são comparados os resultados da pesquisa para outros contextos; a generalização naturalística permite a outros pesquisadores julgar sobre a possibilidade de transferência dos resultados encontrados para outros contextos (SOUZA e LIMA, 2011).

Segundo Godoi (2006) não é possível alcançar o mesmo resultado de uma pesquisa do método “A” usando o método “B”, sendo assim não é prudente que o pesquisador da abordagem qualitativa venha ajustar os resultados obtidos à abordagem positivista, no intuito de alcançar uma generalização que no sentido literal não é permitido na abordagem enterpretativista.

Darkeet *al.* (1998) abordam a generalização da pesquisa qualitativa pelo método estudo de caso. Segundo eles o estudo de caso único se distingue dos estudos de casos múltiplos por ser apropriado para o objetivo do pesquisador, mas existem limitações a serem consideradas. Faz-se então, necessário explicar onde a pesquisa é realizada, um único caso pode fornecer a base para desenvolver explicações de como o fenômeno ocorre, e estes podem então ser pesquisados e aplicados a casos adicionais em outros ambientes. Por isso, na pesquisa de estudo de caso único a generalização teórica ou analítica é adequada, onde os resultados do estudo de caso são usados para desenvolver uma teoria.

A intenção não é fomentar a generalização de uma pesquisa à outra população, mas para uma compreensão teórica e sua explicação. Este processo resulta em modelos que representam os processos sócio técnicos genéricos. Desde que o estudo de caso seja de natureza exploratória, é adequado para mostrar pontos de partida para futuras pesquisas em diversas áreas do conhecimento.

O estudo de caso único destina-se a produzir resultados generalizáveis. Por isso primeiro se faz delinear diferentes noções de generalização em pesquisa qualitativa: **i)** da literatura; **ii)** depois discute-se a abordagem de concepção e de generalização aplicados ao estudo de caso; **iii)** e por fim, o processo da pesquisa é descrito (YIN, 2003).

Goeken e Börner (2012) identificam uma discussão na literatura que aborda os resultados da pesquisa qualitativa. Essa discussão está sintetizada em quatro abordagens: a abordagem de Geertz (1973) sobre “descrições densas”; a de Lincoln e Guba (1985) sobre “hipóteses de trabalho”;

a de Walsham (1995) sobre “implicações específicas” e a “compreensão teórica” de Popayet *al.* (1998).

Geertz (1973) descreve sobre as "descrições densas", como resultado de um processo de pesquisa. As descrições densas demonstram detalhes sobre fenômenos no seu contexto específico, são robustas porque eles fornecem um significado por trás da simples observação, e, portanto, podem permitir uma avaliação das semelhanças e diferenças entre dois ou mais casos. No entanto, observa-se que essas descrições não buscam generalizar através da simples observação, mas, sim, dentro de todo um contexto.

Geertz (1973) e Lincoln e Guba (1985) criticam a possibilidade de generalização de uma situação específica para outras. Williams (2000) presume que as hipóteses de trabalho e descrições densas são formas de “generalizações especulativas” e, ainda, são o que ele considera de “generalizações moderatum”. Neste tipo de generalização, os aspectos de uma situação podem ser vista como um conjunto de instâncias reconhecível mais ampla de características.

Popayet *al.* (1998) referem-se às diferenças dos resultados de generalização qualitativa e quantitativa. Na pesquisa qualitativa, o objetivo é fazer generalizações lógicas para uma compreensão teórica de uma classe de fenômenos semelhantes em vez de generalizações probabilísticas para uma população. Eles apontam que, a fim de chegar a um entendimento teórico através de generalização lógica, é preciso aplicar métodos diferentes daqueles em pesquisa quantitativa, ou seja, a abordagem interpretativista.

Tsoukas (2009) salienta que, embora ambas as formas tendem a atingir verdades gerais e abstratas, indução/resumos estatísticos quantitativos por generalização, enquanto que a indução qualitativa/lógico generaliza abstraindo, ou seja, não generaliza para todos os estudos, pois na lógica enterpretativista não se trabalha a generalização enquanto uma replicação de resultados.

Na visão de Walsham (1995) existem quatro tipos de generalização a partir de estudos de caso que são: **i)** desenvolvimento de conceitos, **ii)** geração de teoria, **iii)** desenvolvimento de implicações específicas e **iv)** contribuições de valiosos *insight*. Eles abrangem resultados bastante diferentes que podem ser obtidos a partir de dados do estudo de caso.

Walsham (1995) é explícito sobre as características desses resultados quando assinala que devem ser vistos como tendências, que são valiosas em explicações de dados do passado, mas não são totalmente preditivos para situações futuras, e são explicações de fenômenos particulares que podem ser valiosos no futuro em outras organizações e contextos. Por outro modo, ele tende a não elaborar o processo de generalização em seu papel e extensão (WALSHAM, 2006).

Com o intuito de estruturar as formas de generalização que podem ser realizadas, Lee (2010) e Baskerville *et al.* (2005) desenvolveram quatro tipos de generalização. Segundo esses

autores, as demonstrações empíricas são generalizadas para quaisquer outras declarações empíricas sendo: Tipo EE: generalizando a partir dos dados de inscrição ou para afirmações teóricas; tipo ET: generalizando da descrição para a teoria. Por outro modo, as declarações teóricas são generalizadas para quaisquer demonstrações empíricas - tipo TE: generalizando da teoria para o desenvolvimento, ou para outra instrução teórica - tipo TT: generalizando a partir de conceitos de teorias respectivamente.

Klein e Myers (1999) oferecem uma descrição genérica em seu princípio. O Princípio da abstração e generalização: eles descrevem a forma de generalizar relacionando os detalhes idiossincráticos para, conceitos gerais teóricos.

Para fazer isso, eles recomendam "contextualização" (contextualização no seu nível mais profundo não implica numa visão de uniformidade) e "ciclos hermenêuticos" - o círculo hermenêutico, segundo Mantzavinos (2014) serve como um argumento padrão para aqueles que querem sustentar a autonomia das ciências humanas, como dois meios importantes. Para Klein e Myers (1999) o objetivo é propor um conjunto útil de princípios, juntamente com a sua lógica filosófica, mas não há nenhuma descrição detalhada fornecida.

Com base na relação entre a experiência do leitor e do próprio estudo de caso, Stake (1995) defende uma generalização empiricamente fundamentada que ele chama de "generalização naturalística". Nesse sentido, os dados do estudo de caso podem ser entendidos e interpretados por pesquisadores de forma mais abrangente se ele corresponde sua experiência. Neste caso, a generalização emerge quando o pesquisador reconhece semelhanças nos detalhes do estudo e encontra descrições que ressoam com sua própria experiência.

Smaling (2003) indaga se os resultados de um estudo de caso podem ser transferidos para outro. Ele argumenta que "generalização analógica" em contraste com a "generalização indutiva" é plausível quando há argumentos sólidos que, quando um caso pesquisado particular tem características que são relevantes para as conclusões da pesquisa, outro caso que não tenha sido pesquisado também tem estas relevantes características. Isto inclui generalização caso a caso, bem como generalização exemplar.

Yin (2003) sugere uma generalização analítica com o objetivo de expandir e generalizar as teorias. Ele argumenta que estudos de casos individuais são generalizáveis a proposições teóricas e não para populações ou universos. Isto corresponde ao "Tipo ET Generalização" em Lee (2010) e Baskerville *et al.* (2005) observa a "generalização lógica para uma compreensão teórica" de Popay *et al.* (1998). Depois de sua abordagem, a teoria também se torna um veículo possível de generalização, mas só é aplicável quando existam teorias apropriadas.

No entendimento de Woodward (2002) invoca a idéia de "generalizações causais", fornecendo uma relevante abordagem explicativa. Essas idéias parecem ser muito semelhantes aos "mecanismos geradoras" que foram adoptadas por Walsham (1995), mas curiosamente, atraiu um interesse considerável na sociologia moderna.

No que tange a generalização na abordagem interpretativista ou qualitativa existem divergências entre vários autores, sendo que a predominância do entendimento é que a generalização no seu sentido estrito, não é próprio da pesquisa qualitativa, pois cada estudo/pesquisa são únicos, não podendo, assim, ser expandidos para o global.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A generalização na pesquisa qualitativa é assunto suscetível a discussões continuadas e que se fundamenta sobre duas realidades: **i)** a existência de fenômenos organizacionais, sociais e humanos únicos que não se repetem de modo homogêneo e, também não se replicariam pelos mesmos padrões de ocorrência e, **ii)** a grande divergência das posições conceituais sobre o assunto, particularmente no campo da Administração, onde muitos pesquisadores a consideram apenas pela abordagem da racionalidade instrumentalista, ignorando assim, a natureza social da gestão.

A questão de fundo nessa discussão considera que no centro das técnicas qualitativas está o entendimento que cada pesquisa é única como também o são seus resultados, logo está se prevalecendo o entendimento sobre as limitações quanto a transferência ou réplica para outros contextos e circunstâncias, ainda que semelhantes. Frente a esta realidade, tem se questionado com frequência estes limites fazendo valer questões, pouco debatidas, sobre o papel dos resultados da pesquisa qualitativa.

O presente artigo levantou e discutiu esta questão pela apresentação de abordagens que defendem a possibilidade de generalização no método de pesquisa qualitativa, bem como seus limites e fragilidades. Assim posto, seu objetivo foi ampliar a compreensão sobre este assunto explorando-o segundo diferentes abordagens conceituais e, pela apresentação não somente dos aspectos limitantes da generalização, mas também de suas possibilidades na pesquisa qualitativa.

Nesse contexto, não se teve a pretensão de esgotar o assunto, mas despertar a atenção dos pesquisadores para a importância de dedicar atenção a ele, tornando-o mais acessível dos pesquisadores, principalmente, aqueles que se encontram em nível iniciante na atividade de pesquisa qualitativa.

Procurou-se assim sinalizar para um campo que carece de avanços sobre a sua compreensão, limites e possibilidades, seja em nível epistemológico, seja em nível da prática da

pesquisa científica. A contribuição dessa discussão viria também no sentido de desvincular comparações entre o método qualitativo e quantitativo em relação a generalização dos resultados. Tais comparações tem associado uma suposta superioridade do segundo sobre o primeiro negligenciando as especificidades e finalidades de cada método, logo, os limites e possibilidades de cada um.

## REFERÊNCIAS

AIRES L. Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Ed. Universidade Aberta, 2011.

ALASUUTARI, P. A Globalização da Pesquisa Qualitativa. Revista Media & Jornalismo, Portugal: Coimbra, v. 6, n. 6, p. 17-41, 2005.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. “Usos e Abusos dos Estudos de Caso”. Cadernos de Pesquisa, v. 36. n.129, p. 637-651, set.\dez. 2006.

BASKERVILLE, R. *et al.* Extensible architectures: The strategic value of service-oriented architecture in banking. European Conference on Information Systems. Regensburg, Germany, 2005.

BISPO, M. S.; GODOY, A. S. Etnometodologia: uma proposta para pesquisas em estudos organizacionais. RAU - Revista de Administração da UNIMEP. V.12, n.2, maio/agosto, 2014.

BYRNE, E & SAHAY, S. Generalizations from an interpretive study: The case of a South African community-based health information system. South African Computer Journal, n. 38, p. 8-19, 2007.

CARVALHO, E.; AQUINO, M. A.; A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB, 2008 a 2012. Inf. & Soc.: Est., João Pessoa, v. 22, p. 79-100, Edição especial, 2012.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. Revista portuguesa de educação, v. 16, n. 2, Universidade de Minho, Braga, 2003.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 2006

CORRÊA, D. A.; LEME, S. M. A pesquisa como via de capacitação técnica, científica e política: análise de uma experiência no estágio supervisionado em administração de empresas. RAU – Revista de Administração da UNIMEP. v.5, n.1, janeiro/abril, 2007.

COLÁS, P. El análisis cualitativo de datos. Madrid: Mc-Graw-Hill, p.225-249, 1998.

DARKE, P. *et al.* Successfully completing case study research: combining rigour, relevance and pragmatism. Information Systems Journal, v. 8, n. 4, p. 273-289, 1998.

DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. Handbook of qualitative research. Califónia: Sage, 1994.

ERICKSON, F. Qualitative Research on Teaching. In: M. C., Winttrok. Handbook of Research on teaching. New York: Macmillan, 1986.

FERNANDES, F. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2 ed. Porto Alegre: Bokman, 2004.

\_\_\_\_\_. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed/Bookmann, 2009.

GEERTZ, C. The interpretation of culture. Basic Books, New York, 1973.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa. Revista de Administração de Empresas. São Paulo. v. 35, n.2, março/abril, 1995a.

\_\_\_\_\_. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo. v. 35, n.3, maio/junho, 1995b.

GODOI, C. K. *et al.* Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais – paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOEKEN, M.; BÖRNER, R. Generalization in qualitative research approaches and their application to a case study on Soa development. Australasian Journal of Information Systems, v. 17, n. 2, 2012.

GOMES, F. P.; ARAUJO, R. M. Pesquisa quanti-qualitativa em administração: uma visão holística do objeto em estudo. In: VIII SEMEAD - Seminários em Administração, FEA - USP, 2005, São Paulo - São Paulo. VIII SEMEAD, 2005.

GUBA, E. G. The alternative paradigm dialogue. Sage Publications. Newbury Park. London, 1990.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. Competing paradigms in qualitative research. Handbook of qualitative research. Califónia: Sage, p.105-117, 1994.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research. Chicago: Aldine, 1967.

KLEIN, H. H. & MYERS, M. D. A set of principles for conducting and evaluating interpretive field studies in information systems. MIS Quarterly, v. 23, n. 1, p. 67-94, 1999.

LEE, J. H. *et al.* Critical success factors in SOA implementation: An exploratory study. Information Systems Management, v. 27, n. 2, p. 123-145, 2010.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Naturalist inquiry. Sage Publications. Newbury Park. London: New Delhi, 1985.

MANTZAVINOS, C. O círculo hermenêutico: Que problema é este?. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 2, p. 57-69, nov. 2014.

MARTINS, H. H. T. de. Metodologia qualitativa de pesquisa. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p.289-300, maio/agosto. 2004.

MEDEIROS, M. Pesquisas de abordagem qualitativa. Revista eletrônica de enfermagem. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, v.14, n.2, 2012.

MILES, M.; HUBERMAN, A. Qualitative data analysis: A sourcebook of new methods. Newbury Park, CA: Sage, 1994.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração. FEA/USP. São Paulo. v.1, n.3. 2º sem. 1996.

OLIVEIRA, C. D. O (2003). Papel da inovação no processo da estratégia: Uma pesquisa qualitativa em empresas emergentes de base tecnológica no Brasil. Tese de doutorado em engenharia de produção. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

POUPART, J. *et al.* A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

POPAY, J. *et al.* Rationale and standars for the systematic review of qualitative literature in health services research. Qualitative Health Research, v. 8, n. 3, p. 341-351, 1998.

RICHARDSON, T.; RICHARDSON, L. Using Computers in Qualitative Research. Handbook of Qualitative Research, California: Sage, 1994.

RODRIGUES FILHO, J. Anotações de palestras e seminários. Programa de Pos-Graduação em Administração. Curso de mestrado em Administração. Universidade Federal da Paraíba. 2004.

SCHUTZ, A. Concept and theory formation in the social Sciences. The Journal of Philosophy, v. 51, n. 9, p. 257-273, 1954.

SMALING, A. Inductive, Analogical and Communicative Generalization. International Journal of Qualitative Methods, v. 2, n. 1, p. 52-67, 2003.

STAKE, R. The art of case research. Sage Publications. Newbury Park. London: New Delhi, 1995.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SOUZA, N. S.; LIMA, M. C. Pesquisa qualitativa e generalização dos resultados: ficção ou realidade? I Colóquio de Epistemologia e sociologia da ciência da administração. Florianópolis, março, 2011.

TSOUKAS, H. Craving for Generality and Samall-N Stud: A wittgensteinian approach towards the epistemology of the particular in organization and management studies. Sage Handbook of organizational research methods. p. 285-301, 2009.

ZANTEN, A. V. Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização. Perspectiva, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 25-45, jan/jun. 2004.

WALSHAM, G. Interpretive case studies in IS research: Nature and method. European Journal of information systems. n. 4, p. 74-81, 1995.  
 \_\_\_\_\_. Doing interpretive research. European Journal of information systems. n.15, p. 320-330, 2006.

WOODWARD, J. What is a mechanism? A counterfactual account. *Philosophical Science*. v. 69, pp. 366-377, 2002.

WILLIAMS, M. Interpretivism and Generalisation. *Sociology*. v. 34, n. 2, p. 209-224, 2000.

YIN, R. K. *Case study research, Design and Methods*. Sage Publications, Thousand Oaks.